

O ESPAÇO: UNE/SEPARA/UNE

*Eunice Isaias da Silva**

Baseado no pressuposto de que a Geografia é uma ciência social é que se dará a análise do espaço geográfico neste trabalho, que pretende ser uma reflexão sobre a relação espaço e conflitos sociais.

Num primeiro momento analisar-se-á o que vem a ser "espaço" para a Geografia, em seguida se discutirá a questão do espaço e conflitos sociais, que terá maior enfoque na problemática do campo.

O título do mesmo é a propósito de um artigo de Milton SANTOS (O Espaço que Une e que Separa) do seu livro: *Pensando o Espaço do Homem*. E é acreditando na dialética do espaço do homem que discorrerão as reflexões aqui expostas.

O ESPAÇO GEOGRÁFICO

O espaço geográfico resulta da relação homem-natureza através do trabalho, que é uma ação consciente pela sobrevivência e é uma prática social, pois envolve a relação homem-homem. Ele é, portanto, um produto social, uma criação da sociedade. Daí ser também denominado espaço humano ou social.

Na leitura do espaço se apreende a História dos Homens, pois as transformações que acontecem no espaço no decorrer do tempo são sensíveis, também, no comportamento dos homens. Pois o homem modifica a natureza e é por ela modificado.

"Consideramos, assim, o espaço geográfico como produto histórico que sofreu e sofre um processo de acumulação técnica-cultural, e que, por consequência, apresenta em cada momento as características da sociedade que o produz". (CARLOS e ROSSINI, 1983:16)

Assim sendo, o espaço é ativo e dinâmico. Em determinado período histórico foi fruto de uma relação harmônica entre homem e natureza, onde

* Professora do campus avançado da Universidade Federal de Goiás - UFGO - Catalão e mestranda do curso de Pós-Graduação em Geografia - UFRJ - Rio de Janeiro.

esta era um bem comum a todos e os homens não estavam divididos em classes sociais, porém esta sintonia foi rompida a partir do momento em que aconteceu a apropriação do espaço por alguns, em detrimento dos demais. Cria-se, então, uma nova configuração espacial, onde se percebe as novas relações sociais. A apropriação desigual provoca uma legitimidade de domínio nas relações de poder. A relação com a natureza passa a ser de depredação e o relacionamento entre os homens de exploração.

E é no capitalismo que a relação do homem com a natureza se torna mais destrutiva. ISNARD (1982:56), coloca que "o consumo do espaço aumenta até ao desperdício: o espaço já não é um bem de uso, é uma mercadoria que se presta a toda a espécie de especulações frutuosas".

Pois o capital e a cultura social direcionam a estruturação espacial. Então, ao se analisar criticamente a aparência da espacialidade de um determinado lugar, a forma do arranjo espacial, pode-se apreender a sua essência que é a própria sociedade. O espaço produz e se reproduz segundo as classes sociais. Isto pode ser detectado através de um simples passeio por uma cidade - exemplificando com Brasília, onde o espaço das mansões é confrontado com o oprimido espaço das favelas. É sensível aos olhos daqueles que querem enxergar.

O capital força também as especializações espaciais, hierarquizando e diversificando as relações. Ordena o espaço de acordo com a lógica capitalista. Aliena o espaço do homem e o próprio homem. Aprofunda as diferenças de classes. A cidade cresce, amontoa os homens, ao mesmo tempo que cria mecanismos para isolá-los socialmente. "O próprio espaço nos aparece como um todo fragmentado" (SANTOS, 1982:22). Porém, as leis que regem o capitalismo são contraditórias e o homem passa a agir dentro destas contradições, a partir de situações comuns se organizam e se preparam para buscar soluções provisórias e outras com perspectivas mais duradouras. Iniciam um processo de desmistificação do espaço e desalienação do homem. A emergência da consciência crítica pode fazer com que os homens em condições semelhantes se unam para lutar por seu espaço. E esta consciência será, cada vez mais, forjada no próprio contexto de luta. Busca-se uma liberdade coletiva e a constituição da cidadania urbana e rural é o homem se construindo na construção do seu espaço.

ESPAÇO E CONFLITOS SOCIAIS

De acordo com SEABRA (1980:171), o desenvolvimento capitalista desigual e combinado, cria contradições entre países, regiões de um mesmo país, a cidade e o campo e os próprios bairros da cidade. É a divisão internacional de trabalho e a divisão inter-regional do trabalho e sua

conseqüente espacialidade. O capital determina a forma da configuração espacial, reproduzindo as contradições de classe.

A apropriação desigual do espaço se dá pela acumulação de capital, concentração de riqueza nas mãos de algumas pessoas e grupos. A estruturação do espaço denuncia as desigualdades sociais tanto no campo como na cidade. O domínio do espaço se articula entre os que possuem o controle da terra e a maior renda monetária. E a legitimação de poder passa, também, pela dominação do espaço.

"O espaço é a sociedade territorialmente construída". (MOREIRA, 1986:123). A terra é um bem natural, portanto, não pode ser produzida, nem reproduzir-se. Porém nos países capitalistas, recebe um valor tornando-se mercadoria. A terra não produz mais-valia, seu preço é obtido através da renda da terra, que varia conforme a localização, produtividade, escassez.... A injusta distribuição da terra, renda monetária e equipamentos de consumo coletivo, se agudiza e leva ao surgimento de conflitos sociais na cidade e no campo.

O capital expropria o trabalhador dos meios de produção, apropria-se do espaço, da consciência e do próprio homem. Ao segregar o homem, o capital, contraditoriamente, impulsiona a organização e luta pela dominação do espaço social. A parcela marginalizada da sociedade (cidade e campo), inicia uma batalha política que pode adquirir várias formas. Esta luta pelo espaço é, também uma busca de poder e participação. É uma prática social - luta de classes que pode objetivar a preservação do meio ambiente, acesso à terra, moradias decentes, melhoria da qualidade de vida, direito de posses e outros.... É a classe trabalhadora, procurando através de comitês, associações, sindicatos, invasões e resistência, acampamentos, greves e outras manifestações, o controle social do espaço.

Por sua vez, o cumprimento das reivindicações pode provocar uma valorização do espaço e este passar a ser alvo de cobiça para a especulação. Porém, esta questão não invalida o processo de luta, que é também um processo de aprendizagem, quando a camada explorada da sociedade força o surgimento de um canal de participação política, na tentativa de resgatar o respeito ao ser humano e construir o homem novo. É a práxis libertadora - privilégio do homem consciente, que reconhece o seu papel na História e que constrói o alvorecer.

LUTAS SOCIAIS NO CAMPO

Como já foi colocado anteriormente, a terra é um bem natural, não é capital mas, ao se transformar em mercadoria, recebe um preço, que é a renda capitalizada da terra.

Enquanto na cidade a terra funciona como suporte físico, no espaço agrário é o meio fundamental para a produção. Sua apropriação se dá de maneira diferenciada de acordo com a perspectiva de uso.

ROSSINI (1986:112), com base nos conceitos de José de Souza MARTINS, expõe sobre as concepções de terra conforme seu uso:

"... terra de exploração ou de negócio aquela de que o capital se apropriou para crescer, sempre, para gerar continuamente novos e maiores lucros, que podem advir tanto da exploração dos destituídos de terra como dos que nunca tiveram acesso a ela. A terra de trabalho é a terra possuída por quem nela trabalha. Não é terra para especular, para explorar".

MARTINS (1988) chama a atenção, ainda, para o fato de que o valor da terra para o trabalhador rural, não é em referência ao mercado, mas em referência ao seu valor moral, à função de sustentar a família.

Existe uma injustiça social na distribuição das terras, enquanto uma minoria possui monopólio tanto de qualidade e quantidade de terras, grande contingente é formado por pequenos proprietários e sem terras. "A estrutura agrária exprime no campo o caráter desigual do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, em termos de concentração de riquezas", (GONÇALVES, 1987:157).

A questão fundiária determina a forma de espacialidade do campo. Onde 89,6% dos estabelecimentos rurais, possuindo até 100 ha, correspondem a 20% das terras, enquanto o 1% com mais de 1000 ha detém 45% da total das terras. Essa concentração é mais intensa nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde também ocorre maior número de conflitos.

Com a divisão interna do trabalho, ocorreu uma maior proletarianização do campo. Portanto, há a extração da mais-valia do trabalho coletivo - socialização da produção e apropriação privada da mesma. No entanto, a grande exploração a que se encontram submetidos os trabalhadores é contestada através da organização dos mesmos, o que é salientado por OLIVEIRA (1988:22).

"De um lado a tentativa de resgate da condição de camponês autônomo frente à expropriação, representada pelos posseiros e sua luta contra fazendeiros e grileiros. De outro, o movimento originado na luta dos camponeses parceiros, os moradores contra a expropriação completa no seio do latifúndio, que os transformava em trabalhadores assalariados."

Mas a violência e resistência no campo não são recentes, se iniciou há muitos anos com a própria resistência dos indígenas, escravos, Canudos, passando pela histórica Trombas e Formoso, Ligas Camponesas, até as atuais greves de bóias-frias.

GRZYBOWSKI (1987:19-45) divide a atual luta do campo em movimento dos camponeses pela terra, que se dá através do movimento dos posseiros, movimentos dos sem terra, movimento contra as barragens e lutas indígenas; a outra forma é o movimento dos operários do campo contra a exploração do trabalho e assalariamento e, por último, a luta dos camponeses contra a expropriação. Sendo que o movimento dos camponeses pela terra é maior nas Regiões Norte e Nordeste e o movimento dos operários no Centro-Sul do País.

A luta dos posseiros e índios se dá pela posse da terra e pela não expropriação da mesma. Os camponeses lutam contra a desapropriação e contra a subordinação à indústria.

Os bóias-frias, já expulsos do campo e que geralmente moram nas periferias da cidade e trabalham no campo e até mesmo em outros Estados, reivindicam melhores condições de trabalho e melhores salários. Os sem-terra buscam através de acampamentos, o acesso à terra, e já discutem a questão da coletivização como trabalho sem exploração.

Nesses processos de luta, nota-se a participação e influência de partidos políticos, igrejas, centrais sindicais; avançando, assim para uma perspectiva política mais ampla e global.

O enfrentamento dos trabalhadores é indiretamente com o Estado e o Sistema Capitalista, porém confronto direto com a polícia, grileiros, jagunços... expressão concreta do Estado e Capital. Várias lideranças, trabalhadores, assessores (agentes pastorais, advogados), foram assassinados, sendo que os assassinatos ironicamente aumentaram na "Nova República". Por outro lado, houve mudanças na estratégia de violência no campo, pois se antes assassinavam grande número de trabalhadores, hoje o grande número de mortes é de lideranças. Querem cortar o "mal" pela raiz - golpeiam a cabeça para intimidar o restante. É importante destacar que a maioria dos crimes continua impune.

Muito sangue já foi derramado e muito ainda o será, contudo já se percebem avanços conseguidos nessa batalha por espaço: alguns assentamentos, melhoria de salários, direito de posse, etc. Porém o projeto da sonhada Reforma Agrária foi totalmente manipulado de acordo com os interesses dos donos do capital.

Evidenciou-se que para soluções mais profundas deve-se levar em consideração que a questão agrária não é uma questão do campo e sim da sociedade brasileira. E é neste contexto que se pode ter anseios de melhores

perspectivas futuras. Uma nova espacialidade do campo (e da cidade) só será possível num sistema social mais justo, e mais humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar o Espaço - recriar o Espaço - eis o desafio do homem. Tarefa que só se torna possível através de uma ampla articulação de lutas de classe do campo e da cidade. Pois a relação campo - cidade atualmente não é antagonica, a sociedade construiu um espaço contínuo.

"Hoje mais do que antes cidade e campo formam um todo só, diverso e contrário, porém uno e indivisível." (OLIVEIRA, 1988:101). E considerável parcela dos explorados já se sensibilizaram pela necessidade de constituir um bloco uno de resistência a fim de forçar uma verdadeira democratização do espaço.

"Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volta contra ele, um espaço natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço de reprodução da vida, e não uma mercadoria, o homem fetichizado." (SANTOS, 1977:27)."

Como sociedade e espaço se movimentam simultaneamente, só através de profundas transformações na sociedade brasileira, pode-se vislumbrar a construção de um novo arranjo espacial. Uma nova sociedade - um novo espaço geográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, A. F. A. e ROSSINI, R. E. Estruturação do Espaço (Formas em nível regional: população). In : *Revista do Departamento de Geografia - USP - 2*, 1983.

CORRÊA, R. L O Espaço Geográfico: Algumas Considerações. IN: *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, org. M. SANTOS, S. Paulo, Hucitec, 1982.

CPT - A *Ofensiva da Direita no Campo. Conflitos no Campo*. Brasil, 1987.

- GONÇALVES, C. W. P. *Estrutura Agrária e Dominação no Campo: Notas para um Debate*. In: *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, org. SANTOS M. São Paulo, Hucitec, 1982.
- GRZYBOWSKI, C. *Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo*. Petrópolis, Fase, 1987.
- HILDEBERT, I. *O Espaço Geográfico*. Coimbra, Almedina, 1982.
- LIPIETZ, A. *O Capital e seu Espaço*. São Paulo, Nobel, 1988.
- MARTINS, J. S. *Expropriação e Violência - A Questão Política do Campo*. São Paulo, Hucitec, 1980.
- *Não Há Terra para Plantar Neste Verão*. Petrópolis, Vozes, 2ª ed, 1980.
- MOREIRA, R. *A Geografia Serve para Desvendar Máscaras Sociais*. In: *Geografia Teoria e Crítica*, org. MOREIRA, R. Petrópolis, Vozes, 1982.
- *Uma Gestão Democrática do Espaço para uma Sociedade de Homens Livres*. In: *Boletim Carioca de Geografia*. Ano 2 nº 2, Rio de Janeiro, AGB, 1986.
- OLIVEIRA, A. U. *A Geografia das Lutas no Campo*. São Paulo, Contexto - EDUSP, 1988.
- SOUZA, M. A. (org.) *O Espaço Interdisciplinar*, São Paulo, Nobel, 1986.
- ROSSINI, R. E. *A Produção do Espaço Rural: Pressupostos Gerais para a Compreensão dos Conflitos Sociais no Campo*. In: *A Construção do Espaço*. Org. SANTOS, M. São Paulo. Nobel, 1986.
- SANTOS, M. *Economia Espacial - Críticas e Alternativas*. São Paulo, Hucitec, 1979.
- *O Espaço do Cidadão*. São Paulo, Nobel, 1987.
- *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo, Hucitec, 1982.
- *Por uma Geografia Nova*. São Paulo, Hucitec, 1979.
- SEABRA, M. F. G. *Crise Econômico - Social no Brasil e o Limite do Espaço*. In: *Novos Rumos da Geografia Brasileira*; org. SANTOS, M., São Paulo, Hucitec, 1982.
- SILVA, J. B. *Gestão Democrática do Espaço e Participação dos Geógrafos*. In: *Terra Livre* nº 4, São Paulo, AGB/Marco Zero, 1988.

RESUMO

Com o avanço do capitalismo ocorrem mudanças na relação homem-natureza e na relação dos homens entre si. Portanto a sociedade se modifica ao mesmo tempo que o espaço se transforma para melhor adequar às novas exigências sócio-econômicas. E a construção do espaço se insere na reprodução das desigualdades sociais - parcela da sociedade torna-se espacialmente segregada. Assim, essa realidade impulsiona o surgimento de conflitos sociais na cidade e no campo.

ABSTRACT

The advance of capitalism makes changes occur in the relation "man-nature" and in the relation of men among themselves. However, the society is transformed at the same time as the "space" is modified to better fit the new social-economic needs. The arrangement of the space is included in the reproduction of social equality issues - part of society becomes segregated. This reality, then, incites the arisement of social conflicts in the cities and in the country.

Palavras-chave: espaço geográfico - espaço no capitalismo - espaço e conflitos sociais — lutas sociais no campo

Key words: geographical space - space in capitalism - space and social conflicts - social conflicts in the countryside